

Dauster nega retirada de aval da União



José Paulo Lacerda/AE — 15/10/90

Dauster: "Temos nosso terreno nesta negociação demarcado"

Reunião com credores
recomeça sem
perspectiva de um
resultado conclusivo

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — Brasil e bancos credores reiniciaram em Nova York, ontem, as negociações sobre a dívida externa brasileira. O embaixador Jório Dauster desta vez chegou no horário para mais essa rodada de conversas. "Temos nosso terreno nesta negociação demarcado", disse antes de entrar para a reunião. Ele negou haver intenção por parte do governo brasileiro de retirar o aval do Tesouro da dívida externa.

A reunião começou às 14h45 (17h45 em Brasília) e poucos acreditavam que tivesse um resultado conclusivo. Os credores mandaram

banqueiros de segundo escalão para a reunião. "Mesmo que o Brasil pague US\$ 2 bilhões, não terá o crédito do Banco Central da Alemanha, por exemplo", disse um dos banqueiros. "O que queremos é mais do que apenas um pagamento agora e outro sabe Deus quando e sim um calendário de pagamentos", afirmou. Para esse banqueiro, só assim o Brasil terá crédito no Exterior. Esse banqueiro considera a proposta brasileira (US\$ 900 milhões) "muito pouco".

O embaixador extraordinário para a dívida chegou pela manhã do Brasil e está hospedado em um hotel a poucas quadras do Doral Inn, onde ocorre a negociação. Esta fase de encontros deverá continuar hoje e amanhã. A imprensa dos EUA não tomou conhecimento da negociação. Muitos observadores econômicos acham que a proposta brasileira, embora baixa, representará boa entrada de recursos para os bancos, principalmente

para o maior credor, o Citibank, que amarga um ano ruim.

INGLATERRA

A mudança na chefia do governo britânico não deverá alterar em nada a posição da Inglaterra em relação ao do Brasil na negociação da sua dívida com a comunidade financeira internacional, informou de Londres, o correspondente **José Carlos Santana**. Como Margaret Thatcher, John Major acha que o governo brasileiro precisa oferecer algo "mais sólido" na questão dos juros atrasados.

Banqueiros, analistas e jornalistas que acompanham as atividades da City londrina manifestaram a mesma opinião. O jornalista Stephen Fidler, do **Financial Times**, responsável pela cobertura de negociações como a que o governo brasileiro mantém em Nova York, disse que há um setor do Ministério do Tesouro que defende posição menos rígida em relação ao Brasil.